

## CONVITE DE ARTIGOS

### Nicéia a 1700 anos: Raízes e Ramos do Cristianismo Africano

Para a maioria dos cristãos em todo o mundo, o Credo Niceno de 325 e o Credo Niceno-Constantinopolitano de 381 continuam a ser normativos. Mas muitos rejeitam as articulações nicenas da fé cristã como uma helenização corrompida do cristianismo. Os apelos à *des-helenização* do cristianismo são tão comuns como os apelos à descolonização. O historiador Robert Louis Wilken revê o valor desta antiga teologia contextual:

A noção de que o desenvolvimento do pensamento cristão primitivo representou uma helenização do cristianismo ultrapassou a sua utilidade. . . . uma expressão mais adequada seria a cristianização do helenismo . . . O pensamento cristão, embora trabalhando em matérias de pensamento e concepções enraizadas na cultura greco-romana, transformou-as tão profundamente que, no final, surgiu algo muito novo.<sup>7</sup>

De forma semelhante, o biblista queniano Andrew M. Mbuvi afirma a validade da helenização histórica, tanto nos seus próprios termos como um modelo a seguir noutros contextos.<sup>8</sup> No entanto, a queixa de Mugambi de que o jargão trinitário niceno de ‘pessoas’ — e presumivelmente também de *homoousia* e *homoiousia* ! — é tão estranho aos contextos africanos que simplesmente não é útil, é justa.<sup>9</sup>

No entanto, desde Atanásio (c. 296 – 373) e Agostinho (354–430) até Yared o Melodista (anos 500) de Axum, na época patrística, passando pelas comunidades cristãs medievais coptas, núbias e etíopes, até aos milhões de cristãos contemporâneos, de Angola ao Zimbabué, o Credo não é um mero dogma ocidental, mas uma doxologia *africana* que surge não da especulação filosófica mas da experiência vivida de Deus em Cristo. Além disso, o Credo Niceno *não* foi criado de cima para baixo — os participantes representavam um povo de sofrimento que tinha acabado de sair de um período de intensa perseguição às mãos do Império — e o Credo surgiu como uma expressão ecuménica e global de uma fé vivida.

Para assinalar o décimo sétimo centenário do Credo Niceno em 2025, *Teologia Cristã Africana* 2, nº 2 (setembro de 2025) será uma número temática: “Nicéia a 1700 anos: Raízes e Ramos do Cristianismo Africano.” Os trabalhos sobre este tema que se enquadrem no âmbito da revista devem ser recebidos até à 11 de julho de 2025. As normas de submissão estão disponíveis no sítio Web da revista. As submissões podem ser feitas em linha ou enviadas para o meu endereço [submissions@AfricanChristianTheology.org](mailto:submissions@AfricanChristianTheology.org)

---

<sup>7</sup> Robert Louis Wilken, *The Spirit of Early Christian Thought: Seeking the Face of God* (New Haven, Connecticut, Estados Unidos: Yale University Press, 2003), xvi–xvii; nossa tradução.

<sup>8</sup> Andrew M. Mbuvi, *African Biblical Studies: Unmasking Embedded Racism and Colonialism in Biblical Studies* (London: T&T Clark, 2023), 123.

<sup>9</sup> Jesse N. K. Mugambi, *African Christian Theology: An Introduction* (Nairobi: East African Educational Publishers / Heinemann Kenya, 1989; reprint edition: Nairobi, Acton Publishers, 2002), 7.